

As observações que desejaria fazer aqui convertem-se a essas duas atitudes. Tanto, em relação ao método científico, aplicado corajosamente o método científico, mas em relação à conduta própria do homem, conservamos as velhas atitudes pré-científicas de simples conscientemente irracionais e irracionais.

Parece-me que essas duas atitudes tiveram seu reflexo no pensamento geral da humanidade nos últimos cem anos. A primeira atitude gerou, além do desenvolvimento científico moderno, as grandes correntes de pensamento utópico em relação à organização social e econômica. A segunda atitude, um pensamento realista, gerou os movimentos ideológicos, que se aderiram ao pensamento utópico e, ao mesmo tempo, o deformaram e o tornaram substancialmente violento e irracional. Deve ocorrer que não temo de utopia e ideologia no sentido preciso com que os emprega Mannheim, mas, com a alteração feita por David Riesman, jovem pensador americano, cuja obra me impressiona tanto mais quanto lhe faltam as características acadêmicas de grupo, de certo modo, tão pouco original dos pensadores sociais de nossa época. Riesman define utopia "como um conjunto de crenças racionalistas, de interesse no fim de contas da pessoa que as alimenta, numa realidade potencial embora não existente; tais crenças não devem violar nada que sabemos sobre a natureza, inclusive a natureza humana, e não se podem extrapolar a presente tecnologia e devem transpor a presente organização social". "Ideologia, ou o pensamento ideológico", de Mannheim, "como um sistema irracional de crenças, alheias no fundo ao interesse da pessoa que as aceita mas a que esta pessoa adere sob a influência de um grupo, em virtude de suas próprias necessidades irracionais, inclusive o desejo de submeter-se ao poder do grupo dirigente".

Toda utopia pode ter germens de utopia, que a podem levar até à ideologia. E toda ideologia tem germens de utopia

CPDOC / FGV  
Rolo 4 fot 53 a 72

de, que lhe apresenta a aparência plausibilidade, indispensável à obra de sua doutrinação.

O pensamento utópico da humanidade corresponde, na verdade, à substituição da utopia supra-racional cu sobrevivência natural de outra vida, dominante em toda a idade média e ainda hoje corrente - nos E.U., 93% das pessoas declararam crer na sobrevivência do homem após a morte - por uma utopia natural e racional aqui e agora fundada nas virtualidades e potencialidades dos conhecimentos humanos existentes. Aldous Huxley acentua em sua famosa caricatura de mundo de amanhã que o grande defeito das utopias é que elas se tornavam realizáveis. Se a sua confiança no homem fosse outra, deveria concluir que este seria o seu valor, pois com a possibilidade da sua realização estaria aberta o caminho para as suas revisões e os seus progressos, no caso de resultados infelizes ou inesperados. No fundo, porém, Huxley nesse livro não estava tanto a descobrir o plano de uma utopia quanto de uma ideologia, com o seu detalhado e correlativo condicionamento mecânico do homem. O seu "Brave New World" é uma sátira aos movimentos ideológicos e não aos utópicos. Aliás o próprio Huxley dá-nos um exemplo de bom pensamento utópico no seu "Science, Liberty and Peace."

Característica, com efeito, o pensamento utópico uma confiança especial no homem e na razão, graças à qual não receia a tais pensadores tão intransponível quanto hoje nos que vem fazer eror os criadores de ideologias a barreira dos mitos e das irracionalidades humanas. Jamais um pensador utópico idealizaria o "Brave New World" em o 1984 de George Orwell. Tais caricaturas são caricaturas exatamente dos movimentos ideológicos, com os quais se busca condicionar mecanicamente o comportamento humano, com apelo na promessa de que esse comportamento humano não é racional. (A promessa dos pensadores utópicos seria a de que tal comportamento é potencialmente racional).

Na verdade, os estudos contemporâneos sobre as culturas humanas vêm sublinhando, como não podiam deixar de fazer, a liberdade, e determinismo da evolução social do homem e a importância

7  
vel mistura de racional e irracional de que se fazem todas as  
diversíssimas culturas criadas pela espécie, na sua dispersão  
no tempo e no espaço, em nosso hoje pequenino planeta.

Tais "culturas" se modificavam por acidente, com  
típidos processos históricos complexos, em lenta e letárgica  
evolução. A mudança intencional e sistemática não se podia  
registrar, pois, o homem orgulhoso em sua cultura, inclusive  
sua língua, deixava de ser capuz de procedimento propriamente  
individual e se finava em ser gregário, socialmente condicio-  
nado. Em essência, os estudos antropológicos consideraram a  
sociedade como formigueiros humanos, a serem estudados à luz  
de determinismos sociais, processados praticamente sem qual-  
quer racionalidade objetiva e consciente e destinados a proci-  
pir estados de adaptação passiva de indivíduos ao seu meio. Nem  
de outro modo podia ser. Pois o uso deliberado da inteligên-  
cia, como processo modificador, não estava em todas essas so-  
ciedades estudadas, quase todas de nível primitivo ou semi-  
primitivo, desenvolvidas além de certas habilidades de manipu-  
lação da palavra e de manipulação das artes ainda empíricas.

Uma história natural do pensamento humano revela-  
ria quanto o ato de pensar e sobretudo de pensar em larga es-  
cala é raro entre os homens e como a adaptação social humana  
se faz por ajustamentos retínicos e tradicionais, insuscetí-  
veis de modificação, salvo por acidente ou invenção esporádi-  
ca.

O aparecimento do pensamento como algo de voluntá-  
rio e deliberado, a invenção da arte de pensar, como atividade  
de autônoma, o gôsto de problema pelo problema, a pesquisa e  
a ciência, a automotivação e o autocondicionamento nunca se  
fizeram atividades comuns de nenhuma sociedade humana. Se  
a evolução histórica humana fôsse linear e contínua, sem re-  
gressões nem destruições, se as civilizações não tivessem tido  
de os ciclos que as levaram da expansão à decadência, poderia-  
mos bem imaginar onde estaríamos hoje com a continuação dos  
progressos chineses e greco-romanos!

Depois, entretanto, de todas aquelas desenvolvimen-  
tos nas artes da civilização e na arte da disciplina do es-  
pírito humano, desenvolvimentos que nos doaram os homens anti-  
gos, muitos deles mais interessantes do que os de hoje, a rea-  
lidade é que regressamos a um período de recessão e decaimento  
que exigiu três séculos para nos permitir retornar a heights  
dos antigos. Notamos, é certo, com ingenuidade, e já no século  
le XVIII estávamos adiante, muito adiante de pensamento antigo.  
Mas, os ajustamentos entre o pensamento científico tão vigorosa-  
mente desenvolvido e o pensamento usual ou tradicional continuam  
eram fragmentários e imperfeitos e, sobretudo, fundados num  
conceito estático e mecanicista de "natureza" e num Providen-  
cialismo com que procuramos substituir a dualidade helênica  
de mundo precário e realidade ideal, abstrata.

Sómente no século dezanove, com Darwin e no século  
XX, com Einstein, é que viemos a dar base relativista ao pen-  
samento científico e adaptar a sua conceitualização contemporânea,  
segundo a qual vivemos em um mundo dinâmico, em perpétuo flux-  
no, de que nossos esquemas de pensamento são interpretações  
temporárias e relativas, válidas até o ponto em que nos permi-  
tam interferir, modificando-as, nos chamados processos de na-  
tureza, nela incluída a homem.

De certo modo, estamos hoje mais próximos de cer-  
tas interpretações básicas dos gregos do que da ciência dos  
séculos dezanove e vinte. O mundo perdeu a segurança e es-  
tabilidade do materialismo mecanicista desses séculos, e nos-  
sa ciência se fez relativista e entrou a buscar novas reali-  
dades idealistas, para sobre elas nos apoiar como nosse na  
essência do cosmos. As reviviscências religiosas são ilus-  
trativas desse estado de espírito. As vontades de voltar à  
Idade Média, entre outros exemplos.

A despeito de todas as incertezas, entretanto, o  
que de fato vem ocorrendo no mundo a partir da segunda metade  
do século XIX é a revelação tornada evidente para o povo, e  
não para os filósofos, de que o mundo pode ser organizado va-  
riavelmente e deliberadamente, com o aproveitamento inteligente

de sua avaliação histórica, ou, mesmo, em oposição a essa avaliação.

O Japão, a Rússia, de certo modo antes a Alemanha prussiana e, depois, a Alemanha nazista, sem falar nos Estados Unidos, não são mais estados estritamente históricos; isto é, frutos da evolução espontânea e acidental, mas produtos deliberados do pensamento humano, mais ou menos bem sucedidos, na parte intencional, embora ainda repletos de resultados não esperados.

As contradições desses Estados decorrem de terem sido mais produtos dos resultados da ciência do que de suas próprias ideias científicas. Quando vinte e cinco anos atrás, Bertrand Russell escreveu os seus ensaios sobre as sociedades artificiais, ensaios que deram lugar às sátiras e caricaturas de Aldous Huxley, de George Orwell, da Managerial Revolution de Burnham, ou de Organization Man de Whyte, recorda-se da indignação de H.G. Wells - tão admirável representante do pensamento utópico! - com as previsões apaixonadas e desferidas de B. Russell. É que o filósofo inglês não estava fazendo utopia mas "realismo" e advertindo com a previsão de pior. Vê-se bem que os líderes que imagina B. Russell para as suas fantasias científicas não são pessoas de formação científica nas criaturas enérgicas e apaixonadas pelo poder, que reproduziam, com os novos meios científicos, os objetivos e traços e egoísmos de seus antecessores.

De qualquer modo, não creio que B. Russell pudesse imaginar Jefferson ou Cuen criando o estado socialista ou o estado estalinista. E se lhe fosse possível imaginar Marco Aurélio presidente dos Estados Unidos ou a Rússia, também não creio que a ciência mais poderosa dos nossos tempos fosse transferir Marco Aurélio e fazê-lo desejar uma catástrofe global para decidir quem seria o dominador do mundo.

O pensamento utópico, desde que surgiu, com Platão, nunca imaginou que a utopia se realizasse assim que um Alexandre ou um Napoleão tivessem alcançado o poder absoluto. O pensamento

te utópico sempre considerava essencial que Alexandre ou Napoleão pudessem ter as idéias de um Atala ou de um Marco Aurélio.

Já não velhas as idéias de que o progresso do pensamento humano levaria, dando o novo poder de que disporiao os homens, a um governo não de cientistas, mas de filósofos, ou seja de cientistas do uso do saber humano e, talvez, a um só governo para o mundo ou, sem certeza, a governos pequenos, sábios e harmonizados. Ora, nada disto se realizou. Muito pelo contrário, exacerbaram-se as concepções pré-científicas e os estados-tribe com os seus governantes-gangsters continuam a passar através da história, até os dias de hoje.

Responsabilizar o progresso científico operado nos últimos tempos, entre os homens, por esse resultado parece-me realmente inexplicável. Já o arco havia permitido impérios. O ferro, o mesmo. A artilharia arcaica Napoleão. Com as armas antigas, poderíamos ter impérios e expressões como as de Genghis Khan, e o melhoramento não viria de melhores armas mas de melhores Khans. E que finanças em toda a história moderna para elevar os governantes, ou sejam, os Khans? Depois de experimentarmos a hereditariedade, experimentamos a eleição. A eleição envolvia realmente um ato de fé no homem comum, mas, baseada em que tivesse educação e conhecimento suficiente de homem a eleger. Seria uma solução para as pequenas comunidões rurais do século dezoito. Não conseguimos inventar até hoje nada de melhor, a despeito de eleitor já não mais com o cer e eleito e persistimos em não levar em conta o poder de deformação da opinião, com a propaganda manipulada e servida em massa ao público.

O "realismo" de Russell tem o seu fundamento nasce falta assombrosa: a contar do início de nossa era, presenciamos no progresso científico, depois da parada de treze séculos, o desprendimento e progresso moral, na realidade muito mais avançada entre os antigos do que o progresso científico. Logo sabemos, por absurdo, que toda a idade média fôsse dominada pelo pensamento moral dos estóicos e que tivéssemos progressos

do na formação do homem a partir de atingir até a classe dos governantes a cultura moral já existente entre os antigos. Qual seria então o mundo de hoje? Eu venho dizer, fixando, em cada fase pericla, da perfeição moral um problema de penitência e de aliança deste mundo, deixando a sorte da humanidade de entregá-lo aos que tivessem estômago para o crime, a ausência de escrúpulos e o espírito revoltante de um pseudo-realismo, que Maquiavel viria tão bem formular no primeiro tratado "realista" do crime como método supremo da Política. O tipo de Maquiavel é o retrato renascentista, o retrato glorioso do "gangster" de hoje. O dualismo fundamental entre o homem do mundo e o homem de Deus continua através dos séculos até à nossa idade, reduzida a virtude a um investimento na cidade do céu. Toda a ciência se fôz "materialista", com uma "natureza" causalmente determinada e indiferente e um "homem", dia a dia, mais hábil no domínio dessa natureza, mas também cada vez mais discípulo de sua ausência de propósito ou plano. A supressão das "causas finais" na "natureza", simples e justo expediente científico para melhor estudá-la objetivamente, levou o "homem" a se super também sem fins ou com os fins que quizesse, originando-se daí o mundo sem arquiteto, sem propósito, sem plano, o mundo anárquico, cujo desenvolvimento hoje assistimos em nosso planeta, dividido entre dois "realismos", e lutar pela força para o predomínio.

As representações desses "realismos" internacionais refletem-se no setor interno ou seja "nacional", oriundo os "realismos" do governo, os "realismos" do polícia, os "realismos" da juventude, tudo significando, verdadeiramente, práticas moralmente cínicas e juridicamente ilegais para a conquista do poder, do dinheiro, das prazeres ou das vantagens.

Existe, sem dúvida, o espetáculo, mas, seria tolo se culpar a ciência, ou o método científico, ou os resultados da ciência. O erro tem a sua origem no dualismo entre homem e natureza, com o resultado, quase diria invariável, de tentar e não conseguir harmonia entre eles. Isto é, apenas de esquecer a sua "natureza" e acompanhar a anarquia da "natureza", que à céleste e tratando se oporia. Se o homem estivesse integrado na natureza

na seria tã científica perceber que a roseira nã floresce por algum plano pré-estabelecido próprio de causas finais, eg no que no homem, ao contrário da "natureza", assim entendida como algo a ãle estranho, e que vale ã o plano pré-estabelecido. A natureza ã uma sãria de processos sem causas e tãrãtãrães, sendo, de ponto de vista de sua "naturalidade", anti-carentes os resultados ou fins ãsses processos. Tanto ã natural que o resultado seja a morte como a vida. Para os seres vivos, porém, ãsses fins contã e mais do que tudo para o homem, que se pode esperar, prever e planejar. Nã plano portanto, na natureza porque os seres vivos e o homem ão parte integrante da natureza. Dentro de mesma natureza tãrãtãrães, pois, o mundo fãico determinãtico e seu plano próprio e o mundo vivõ e humano igualmente determinãtico mas intencional, planejado. E de mesmo modo que o homem com a ciãncia aprende via a mudar as rosas, a multiplicar as rosas, e evitar que as rosas nã florescessem, assim lho ensinãria a ciãncia a mudar os homens, a aperfeiçõ-los, a tornã-los mais conscientes, mais inteligentes e melhores, perdido o receio de fazer ãle anti-cientãfico por introduzir fins na natureza, pois ãstes fins eram os fins humanos, tãmbã ães natureza, pois gerados nas cabeças humanas, partes integrantes da natureza, e inseparados em suas "culturas", com os erros, as aproximações e as equãvãlãs dos seus imperfeitos conhecimentos.

Fais "culturas" humanas, por mais interessantes e tãtãicamente que possam ser os resultados de sua formaçãõ e sua o esparãdica, seriam objetos de estudos, como quaisquer ã tres aspectos da natureza, para a sua alteraçãõ na medida em que se aperfeiçõassem os nossos conhecimentos. Assim como transformamos e mundo vegetal e o mundo animal, com a agricultura e a veterinãria, assim como melhoramos no homem a aliãng tãgãõ e a saãde, assim lho irãmos melhorar os demais aspectos de sua cultura, acãitando estudar os chamados galãrias, na mesma base em que estudamos as existãncias, umas e outras ãs ães da mesma natureza fãica e humana. Para que estudamos as existãncias nos mundos mineral, vegetal e animal, semãe para os transformarmos, ã luz dos propãritos, dos planos, dos fins



humanos? De mesmo modo, as sociedades e homens para ficarem capazes de realizar ainda melhor os seus próprios fins. E tais fins serão ainda, por acaso, os fins do homem material? Os fins, de longa duração humana? Será, por acaso, o homem capaz de achar os seus fins? Muito pelo contrário, esse foi a primeira ciência humana. O seu progresso moral e social começou e seu progresso propriamente intelectual e muito antes de um Aristóteles tiveram os grandes moralistas e legisladores. Manu, Moisés, em períodos quase luminosos, conseguiram criar a lei para a sobrevivência humana. Mas também os reis, Jesus de Nazaré. E no Oriente, Confúcio e Buda trabalharam muito antes mesmo de Jesus, as grandes leis humanas.

Tudo a razão de não ver esses grandes fundamentos dos valores humanos, os precursores de um pensamento científico tão legítimo quanto o dos que descobriam não ter a "natureza" outros fins senão os que os humanos lhe emprestavam? Tudo é fim intencional e consciente, neste mundo, teve a sua origem no homem e nas instituições por ele empiricamente criadas.

O estudo científico do homem não foi interrompido, diga-se logo, para evitar qualquer equívoco, mas, reconhecemos a reconhecer que a ciência nesse sentido possui ir além de lhe melhorar a sorte, a dignidade e a residência. Em tudo mais, a lei seria a do arbítrio e da anarquia. Seria livre e homem de fazer tudo que não interferisse com igual liberdade alheia: regra que estaria muito bem numa pequena sociedade de rural, sem trabalho organizado e em que o ato de cada um fosse de outro conhecido até as suas últimas consequências. Com a industrialização do trabalho humano, com o crescimento da organização, em virtude das progressões da ciência técnica, esse homem livre tornou-se capaz de causar, impunemente, em sua vida mais insuportáveis, e, como escreve H. Russell, não se sentir obrigado nem sequer à confissão perante o seu sacerdote, a que se deveria, entretanto, dirigir para ser absolvido no caso de qualquer trivial imprudência sexual que viesse a perturbar.

A religião, em todos os tempos expressão mais alta

de controle de comportamentos humanos, fôr-se indiferente à cog-  
nização econômica da sociedade e praticamente alheia à  
lei da floresta, associando-se aos prováveis da inexistência  
de. Sem as realizações da ciência, a nave selvagem, e sóla  
sem individualista, adotando como lei a validade da luta na  
a vida, e "VALMUDA FAR LIGA", tomou emprestado a lei de vi-  
da da sub-humana, criou o mundo de mistria e riqueza, que expia-  
ciu nas duas grandes guerras mundiais. Hoje, começa, em gran-  
de parte, a ser limitada essa "liberdade" individual. A lei  
da floresta conserva-se mais no campo internacional do que no  
nacional. No campo interno, entretanto, a despeito de certas  
progressões de socialização, o aumento do poder dos governos,  
se vem fazendo tão inerte, com o crescimento de uma organiza-  
ção burocrática, que se tornava indispensável à máxima efici-  
ência por parte dos governantes, a fim de se evitar a injus-  
ticia ou a desordem. Ora, os governos continuam a ser ou, em  
vernos militares revolucionários, ou governos eleitos segundo  
as regras das democracias rurais do século dezoito. De modo  
que, em sua grande maioria, são governos altamente incompeten-  
tes. Por isto mesmo, a correção única de que dispõem para o  
estágio atual de governo humano, é a da difusão de poder. Pre-  
cisamos difundir-lo ao máximo para que nenhuma concentração de  
poder se faça suficientemente grande para atrair os grandes  
fascistas de sua fruição. Quando o poder é pequeno, precisa-  
mos, às vezes, até de pagar as pessoas para aceitá-lo. As  
grandes fatias de poder é que geram as grandes tentações. Nos  
países civilizados e democráticos, esses poderes perigosos só  
existem ainda no campo das atividades internacionais. Dentro  
das nações, já o poder se acha difundido no grau necessário  
para se fazer seguro e sem perigo. Os países, porém, ainda  
insuficientemente estão sob constante ameaça, tanto interna quan-  
to internacionalmente, de cair sob as concentrações de po-  
der, geradoras da opressão e da irresponsabilidade.

Direção que nos afastamos demais de nossa referên-  
cia inicial à ideologia e utopia, mas, na realidade, não está  
mas ainda tão longe. A Democracia do século XVIII e XIX con-  
stituiu, em seu início, algo de essencialmente utópico. O 23

socialismo anterior a Lenin era de natureza utópica. O marxismo-leninista parece-se essencialmente ideológico. É o marxismo-leninista, uma réplica ideológica ao marxismo-leninista. A essência do pensamento ideológico em tais ideologias é a sua natureza irracional, a ser inculcada por doutrinação e realidade pela força. É a utilização dos parentes da ciência para a manipulação da opinião pública, segundo processos mais sutis mas essencialmente idênticos ao do passado pré-científico do homem, para a manutenção de estado-que em a realização de algum plano brutal de desenvolvimento humano. O fascismo foi a sua primeira grande demonstração. Mas o comunismo, sempre que recusa crer na possibilidade do seu triunfo político, pela persuasão e pela razão, e deposita sua fé nos meios de doutrinação e de força faz-se intelectual e não material, no sentido em que estes procuram caracterizar bases sólidas. O comunismo sómente seria aceitável se aceitasse os métodos da razão e da persuasão socialista.

Vistas sob este ângulo, não parece difícil discernir na cena contemporânea as correntes utópicas e as correntes ideológicas. O relativo descrédito da corrente utópica provém de uma certa desilusão moderna a respeito da razão. De saliente fundada na divisão do mundo entre duas grandes forças ideológicas. Além dos colossos ideológicos, temos, porém, os países que são antes socialistas do que comunistas ou capitalistas, os países médios, a Ásia e todos aqueles que estão a preferir a neutralidade, como quanto, como a Europa, não o países declarar enfaticamente. São países divididos e ainda em luta entre as ideologias e a utopia, como gostaria de ser também classificar os países de nossa América do Sul.

A doutrina facilitou o capitalismo, mas isto não foi de sua essência. As grandes e devastadoras crises e essa fase econômica da humanidade foram feitas no século XIX e nos primeiros deste século. A própria América do Norte, que, nesse período, era a terra edênica de todo o mundo, graças à abundância de progresso que o regime ali abria, sofreu de vez em quando, como socialista, e de Mark Twain, como católico, em 1871.

tiens mais implacables que yderia servir. Como base capitalista não se havia ainda endurecido em ideologia, mas, era ag ne uma utopia, com as amplitudes geográficas de sua conquista, amplitudes que resistiam as suas injustiças, mesmo McCarthy ali surgiu para abrir a inquisição de novo contra os Mark Twain ou os Voltem. A ascensão do capitalismo e de sua eti ca darwinista era algo de breve, enquanto as oportunidades fossem tantas, que a incrível teoria da vida como uma corrida com prêmios para uma pessoa pudesse parecer algo de concreto. Os que perdessem tinham outras corridas a correr. E quando não tivessem era que não era essa a vontade de Deus. Com o fechamento da "fronteira" para essas sempre renovadas corri das, o capitalismo perdeu todo sentido utópico e se cristali sou em uma ideologia a ser defendida pela propaganda e no fim de contas pela força. A realidade é que o fim natural da neurtose seria o socialismo. Os processos revolucionários e violentos de realizar o socialismo é que acabaram por galvani zar o capitalismo, justificando-lhe o uso da força como recur so de sobrevivência. Se antes tinham de ser regimes de força, a diferença entre os dois deixaria de ser substancial. E o homem, enxadado entre esses dois "realismos", perdeu a confi ança na razão. Ou passou a ter medo de confiar na razão, pois já não era livre de usá-la vigorosa e entusiasmado.

Desaproveeram as possibilidades utópicas, isto é, as possibilidades humanas de especular livremente sobre as alternati vas e possibilidades que os novos conhecimentos e as novas tecnologias abriam para a humanidade. Para essa especulação, faltarão a rapidez indispensável e gêmeo pois permanentemente largo e generoso, uma atitude de simpatia e confiança no progresso dos conhecimentos humanos, uma capacidade criadora em imagi nar ou antever as novas perspectivas que poderiam abrir, sem medo o uso que delas se fizesse e, sobretudo, uma confiança no homem como ser capaz de cervelloas inteligentes e de plásti cidades inespantadas em seu desenvolvimento intelectual e em seu aperfeiçoamento afetivo e espiritual. Toda essa forma de pensar se fôs perigosa. As ideologias, brutalmente fundadas na não é e na sua existência dividiram drasticamente o mundo.

Pensar-se no que ALEXIA REX passou a ser uma forma de ingenuidade, no melhor dos casos, ou de simples escapismo. A ciência ficção, entusiasticamente renovadora, fazia da vida o que ela era e não existia uma simples referência para o que seria REX, o, com o progresso tecnológico, criava devastadoramente o novo e o revivido, isto é, novas formas, novos corpos, novas realidades. Mas a ciência social, como Napoleão, só via e só acreditava no que existia, na vida. Qualquer coisa daí, só se podia fazer violentamente. Ou o statu-quo, ou a revolução. E esta revolução não burocrática e que seria REX - de antemão com deuses como impassível - mas o que seria REX, como na ciência ficção, esquecida de que o seria REX, no campo da ficção, é o ALEXIA REX de alguém que passou a ter o propósito dequillo realizar. O ALEXIA REX social era tanto uma escolha quanto o seria REX das tecnologias ficções. Estrangulada pelas ideologias, o pensamento humano científico e filosófico se fôz ou especializante, isto é, competente apenas em pequenas coisas, ou "realista", isto é, defensor do statu-quo, de mal menor, ou pura e simplesmente escapista. Generosidade de pensar, entusiasmo imaginativo passaram a não parecer "bem". Quanto mais coisa da vida a pessoa, tanto mais elegante, tanto mais próprio de uma atitude de apatia, ou indiferença, ou descrença. Para ser entusiasticamente é, pela menos, algo de leviano. Que surgiu daí, então Fiam com os títulos a elaboração dos planos. Isto que a amplio a respeito do futuro. Daí os livros ártimos e os livros burocráticos, revolução de garantos, reinou de burocratas, etc., etc.

Não é para tais planos, grandes, "realistas" e como, como os planos burocráticos, que deante deconcluem a vida a longo, mas, para a utopia da Cidade Humana. O período obscuro da luta ideológica vai, ao seu ver, desaparecer. Voltaremos à velha luta racional e utópica de séculos XIX. Voltaremos a crer no santo e voltaremos a crer no homem. Voltaremos a crer no santo humano. Mas não apenas de santo de que a vida não humana. Desde que ela se fôz articulada e científica, os seus sonhos entraram a se fazer realidade. A transformação do sonho humano no possível dos dias de hoje é um episódio grotesco e passageiro, resultante de fato de haver a ciência

marchado com tão inesperada rapidez que suas armas caíram em mãos ainda incertas para o seu uso. A exploração dos resultados da ciência em o modo das suas conquistas são dois aspectos de mesmo fenómeno: a inadequação de nossas instituições económicas e políticas para o uso da ciência já existente. A transformação dessas instituições não representa nenhuma catástrofe. Foi ainda a ressurreição, em plano século XI, da teoria maquiavélica da revolução social, que criou todo esse mundo de novo tempo. Restauramos o pensamento utópico, livre e renovável, fundado no conhecimento e nas potencialidades abalizadas desse conhecimento - não se confunda, com efeito, utopia com escapismo - a utopia é um plano científico de possibilidades reais - confiança no homem e no poder do esclarecimento de saber de natureza científica, ampliamos a área desse saber ao campo da economia, da política e da moral, orientamos os métodos próprios desse novo saber e marchamos para a frente, sem medo nem cogitativa, guiados pelo senso humano de uma vida cada vez mais ampla, mais rica e mais harmoniosa, até onde o pensamento nos poder levar, nas vastidades hoje antevistas dos astros e das estrelas.

A grande regra de ouro - hoje abandonada - dessa atitude é a da independência do pensamento humano. Engajado, sim, mas engajado nessa independência ou seja na exclusiva dependência das regras desse próprio pensamento, livre como o ar. Não tenhamos medo de pensar, nem permitamos que alguém nos ameace contra esse privilégio de pensar independente e livremente. Não recusamos combater as ideologias, sempre que estas fulgorem que podem ser impostas pela força, ou pela chantagem de nos chamar de venânicos à ideologia adversária. O pensamento humano é demasiado sério para ser entregue à farsa dos conflitos de interesses. Discriminemos nossos interesses e que são legítimos, ou mistremos o equívoco em que se acham os interesses ameaçados. Não vejo em que os verdadeiros planos de um futuro melhor possam prejudicar os legítimos interesses de qualquer ser humano. Nem tão difícil será definir os interesses legítimos. Os maiores exploradores do mundo, os mais truculentos genocidas de praxeres são afinal criaturas huma-

mas, apenas inquietas e pouco lésicas, sobretudo, em seus raros momentos de paz, como qualquer vivente, com uma felicidade quieta e prazerosa sabiamente desejada, em ritmos diversos e múltiplos. E as utopias, e o pensamento utópico estaria profundamente interessado em dar-lhes oportunidade para isso. A promessa e as possibilidades do conhecimento humano abrem, com efeito, toda sorte de alternativas. Apontemos em desdobrar as melhores, as mais harmonizadas, as mais felizes...

Palavras como estas foram um número de vezes ditas nos tempos que antecederam a possível das últimas transformações sociais do mundo. E um apelo para que voltemos a elas que hoje vos faço aqui. O mundo é uma paixão contagiante. Não começa a desaparecer, quando alguém se ergue para dizer que não é tem. O mundo de nosso tempo prevê a teoria da mudança social pela força. Se passarmos a pensar em realizá-la pela inteligência, se perdermos a idéia sinistra de que o homem é um ser condicionado, a ser manipulado por "aliquem" mais ou menos irracional, sem capacidade de resistência nem de resistência e mantido em ordem pela conformidade mental e adaptação necessária; se voltarmos a entronizar a razão e o indivíduo, se o estimularmos a pensar e refletir e não a se conformar, se lhe dissermos que a organização é inevitável mas que sua resistência à organização é imprescindível e que sua vida não-deverá sempre não a acomodação mas a luta entre o sonho racional (ou seja a utopia) e a realidade, aquela sempre mais e mais próxima; mas nunca atingida, então, sim, teremos restaurado as condições para progredir sem acomodação, sonhar com eficiência e esperar com lucidez...

De fato poder ser o sentido da existência humana, ele se terá, primeiro, de formar na mente e na imaginação dos mestres e dos educadores. Não será espontaneamente que haverá vences de sair da estrada do mundo e da catástrofe para a da segurança e da razão. Os professores e a escola - cada vez mais importantes na civilização voluntária e inteligente que estamos criando - não de ser os pioneiros nessa fronteira de progresso moral, que se terá de abrir de agora por diante, na

conquista do verdadeiro poder não é material mas humano e a  
sua vida neste planeta.

Professores de civilização, temos todos de registrar  
nos o sentido de sermos, e nos fazemos mestres de urbanida-  
de, de honra, e de independência, de tolerância e de amor,  
em um mundo cada vez mais sob o domínio do homem e cada vez  
mais digno deste mesmo homem. São estes os votos de vossa pa-  
trinha, neste fim de ano, em que se descerrem as portas  
do grande ministério a que jurastes servir!



... a natureza da linguagem, a sua função social e a sua relação com a realidade. A linguagem não é apenas um instrumento de comunicação, mas também um meio de construção da realidade. Ela nos permite expressar o que sentimos e pensamos, e também nos ajuda a entender o mundo ao nosso redor. A linguagem é, portanto, um elemento fundamental da cultura humana e da vida social.

... e os que nos oferecem as regras para a interpretação dos textos, das palavras, das frases, das sentenças, das parágrafos, das páginas, dos capítulos, dos livros. Eles nos ajudam a entender o que os outros estão dizendo e a expressar o que nós mesmos queremos dizer. A interpretação é, portanto, um processo essencial para a comunicação humana e para a construção de um mundo comum.

... e tal deve ser o ponto de partida para a interpretação dos textos, das palavras, das frases, das sentenças, das parágrafos, das páginas, dos capítulos, dos livros. Ela nos ajuda a entender o que os outros estão dizendo e a expressar o que nós mesmos queremos dizer.

... A princípio, foi impossível o mundo ser criado pela ciência, ou seja, pela observação e interpretação da realidade. Mas, com o tempo, a ciência foi se tornando cada vez mais importante para a compreensão do mundo e para a resolução dos problemas que surgem ao longo do tempo.

atendidos, tomando nota de que os mesmos são de caráter  
público, e não de caráter privado, e que não são de natureza

de caráter privado, e não de caráter público, e que não são de natureza  
de caráter privado, e não de caráter público, e que não são de natureza

de caráter privado, e não de caráter público, e que não são de natureza  
de caráter privado, e não de caráter público, e que não são de natureza  
de caráter privado, e não de caráter público, e que não são de natureza  
de caráter privado, e não de caráter público, e que não são de natureza

de caráter privado, e não de caráter público, e que não são de natureza  
de caráter privado, e não de caráter público, e que não são de natureza  
de caráter privado, e não de caráter público, e que não são de natureza  
de caráter privado, e não de caráter público, e que não são de natureza

de caráter privado, e não de caráter público, e que não são de natureza  
de caráter privado, e não de caráter público, e que não são de natureza  
de caráter privado, e não de caráter público, e que não são de natureza  
de caráter privado, e não de caráter público, e que não são de natureza



... a política social e a política de trabalho, a política de habitação, a política de saúde, a política de educação, a política de cultura, a política de recreio, a política de assistência social, a política de previdência social, a política de segurança social, a política de justiça social, a política de igualdade social, a política de solidariedade social, a política de fraternidade social, a política de amor social, a política de paz social, a política de harmonia social, a política de unidade social, a política de fraternidade social, a política de amor social, a política de paz social, a política de harmonia social, a política de unidade social.

... a política social e a política de trabalho, a política de habitação, a política de saúde, a política de educação, a política de cultura, a política de recreio, a política de assistência social, a política de previdência social, a política de segurança social, a política de justiça social, a política de igualdade social, a política de solidariedade social, a política de fraternidade social, a política de amor social, a política de paz social, a política de harmonia social, a política de unidade social.

... a política social e a política de trabalho, a política de habitação, a política de saúde, a política de educação, a política de cultura, a política de recreio, a política de assistência social, a política de previdência social, a política de segurança social, a política de justiça social, a política de igualdade social, a política de solidariedade social, a política de fraternidade social, a política de amor social, a política de paz social, a política de harmonia social, a política de unidade social.

... a política social e a política de trabalho, a política de habitação, a política de saúde, a política de educação, a política de cultura, a política de recreio, a política de assistência social, a política de previdência social, a política de segurança social, a política de justiça social, a política de igualdade social, a política de solidariedade social, a política de fraternidade social, a política de amor social, a política de paz social, a política de harmonia social, a política de unidade social.

P. 752

7/12/51

112 0152

AT CTEVIRA, A J  
P. 57. 14. 04 - A

MINISTERIO DA EDUCACAO E CULTURA

O. Iser, Instituto Superior de Educacao Rural, pretende ser um instituto de aperfeiçoamento de professores rurais, visando formar líderes para a educacao rural.

Com esse proposito, deveria manter cursos semelhantes de nivel superior, abrindo para esses lideres uma via <sup>de</sup> ~~de~~ <sup>urgencia</sup> profunda, quanto a profundidade, de problemas e temas. ~~He necessario~~ ~~o~~ ~~estudo~~ ~~de~~ ~~conhecimentos~~ de matematica social e historica, susceptiveis de habilita-los a interpretar o meio rural e dirigi-lo a evolucao.

Tudo isto, porém, fica em realidade - pois a decisao nao obtine os professores necessarios e o que ha no Iser e um curso de aperfeiçoamento de professores com pouca ~~de~~ ~~conhecimentos~~ e ~~de~~ ~~temas~~ e ~~sigue~~ ~~de~~ ~~estudo~~ ~~de~~ ~~temas~~ e ~~de~~ ~~matematica~~ ~~social~~ ~~e~~ ~~historica~~.

CPDOC | PGU  
Rolo 4 | P. 752





uma espécie de ensino rural profundamente  
falou a, com certeza, contraproducente

Para discussões de parâmetros, pois, deve ser feito  
com certa cautela. A ideia de um instituto su-  
perior de educação rural não seria má, se pu-  
desse ser verdadeiramente superior. De contrário,  
é apenas um nome falso para uma simples  
escola normal.

Teria conveniência estabelecer que a educação  
do brasileiro é uma só, seja para o urba-  
no do campo, seja para o da cidade. Mas  
a escola, no campo, deve, como a urbana, na  
cidade, integrar-se profundamente no meio.  
Deu-se rural, no campo, francesa, na <sup>cidade</sup> ~~cidade~~,  
e urbana, na cidade. Mas o programa é o  
mesmo. Os objetivos, porém, são os mesmos. ~~Se  
isto é que os métodos, conteúdos de ensino rural  
são os mesmos, os métodos, conteúdos de ensino urbano~~



Como a autonomia do professor para poder fazer  
uma integração só se consegue com uma boa  
cultura e esta <sup>quase</sup> sempre é impossível em  
escolas segregadas ~~em~~ no interior, ~~as~~ <sup>para</sup>  
~~seus~~ centros rurais ainda são o que se  
conheciam quando aos Institutos de Exameiros.

O Iser não mantém, porém, nenhuma liga-  
ção com o Instituto Superior de Educação  
"de Belo Horizonte", não possuindo, assim, bene-  
fícios de seu melhor cultivo em seus professores.

~~Em minha última visita ao Iser, em 1958, havia~~  
~~uma impressão geral de que a formação~~  
~~administrativa era~~

E' justamente aqui que se tem um local  
para seminários de educação, articulando-se  
~~na prática~~ com o Instituto <sup>de Belo Horizonte</sup> ~~de~~ <sup>de</sup> ~~programando-se~~ <sup>de</sup>  
cada ano, uma série de atividades interuni-  
vers. Em 1958, este programa se iniciou  
como o Seminário Interinstitucional de Edu-





curiosas e auto-avaliação.

Por outro modo, o Iser seria um anexo  
ao Instituto de Educação, sob a direção  
de treinamento rápido, a ~~de~~ <sup>de</sup> ~~seus~~ <sup>seus</sup> ~~seminários~~  
para debates e estudos, <sup>transformando-se, assim, em</sup> ~~seminários~~ <sup>(em locais</sup>  
~~para~~ <sup>onde</sup> ~~os~~ <sup>professores</sup> e alunos se isolam  
em um esforço maior de estudo, análise,  
planejamento e aprendizagem.

~~haveria~~ ~~isto~~ ~~impede~~ ~~a~~ ~~esforço~~ ~~para~~ ~~se~~ ~~realizar~~  
~~segundo~~, ~~atualmente~~, ~~para~~ ~~aperfeiçoar~~ ~~os~~  
~~professores~~ ~~currais~~.

Os atuais professores currais aperfeiçoados  
pelo Iser seriam se aproveitados como  
supervisores para o ensino rural, caso  
tenham maturidade e autonomia para  
essa função; no caso contrário, seriam  
deixados nos currais, que se constituiriam

0153



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

em protestos contra a desmotivação de um ensino rural.

O processo de planejamento, portanto, deverá tomar a forma de uma reunião a professores do interior, por certo melhores do que o planejado em novas escolas modernas, urbanas.